



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Kafka, mestre de Walter Benjamin

Patrícia da Silva Santos¹

Resumen:

Essa pretende observar o conceito de memória em Walter Benjamin a partir de sua abordagem da obra do escritor Franz Kafka. O método kafkiano de exposição dos objetos chamou muito a atenção de Benjamin, com destaque para a retratação de seres menores, esquecidos, como o inseto gigante Gregor Samsa ou o objeto não definido Odradek. Essa admiração benjaminiana da obra do escritor tcheco relaciona-se com o seu próprio procedimento histórico-filosófico. Para Benjamin, é muito importante um trabalho de memória que se ocupe da história dos vencidos, mas que ao mesmo tempo pontue a dificuldade de assimilação dessa história. Dessa forma, a história pode deixar de ser apenas uma coleção de fatos, para tornar-se elemento disruptivo, passível de fazer frente à “organização da vida e do trabalho na comunidade humana”. O mundo dos textos de Kafka é fonte para a argumentação benjaminiana sobre a dialética entre memória e esquecimento, pois nele a deformação (*Entstellung*) ganha um espaço de exposição capaz de afrontar as certezas e a pureza da história oficial. O confronto entre uma memória reprimida (que, justamente por conta da repressão que sofre, possui o aspecto deformado) e uma memória oficial conserva a possibilidade de questionar a ordem política e social no sentido de apontar para a necessidade de construção de uma história mais justa.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Kafka, mestre de Walter Benjamin

[...] todos nós permanecemos
devedores de Kafka pela palavra solucionadora.
Theodor Adorno
(Carta de 5.12.1934 a Benjamin)

Uma das características que mais se destaca na obra de Franz Kafka é a de que os personagens são quase unanimemente feios. Como lembra Walter Benjamin: “A beleza só aparece no mundo de Kafka nos lugares mais obscuros: entre os acusados, por exemplo”². E, para além da falta de beleza, eles costumam também ser marcados por algum tipo de deformação. A galeria é muito extensa: desde a personagem Leni (*O Processo*), que possui uma membrana entre o polegar e o indicador, passando pelo paciente de *O Médico Rural*, com sua ferida terrível nos flancos, até chegarmos nos seres meio animais, meio homens (o advogado Bucéfalo; Gregor Samsa; Pedro, o Vermelho – “macaco humanizado”, etc). Todos esses personagens estão circunscritos no contexto literário peculiar das narrativas às quais pertencem e seria forçoso reuni-los numa interpretação única. No entanto, mesmo me esquivando de interpretações globalizantes, gostaria de situar a regularidade da presença da deformação [*Entstellung*] à luz de algumas formulações de Walter Benjamin. Assim, nesse texto, não abordarei com mais detalhes nenhuma narrativa específica de Kafka, apenas pretendo me apoiar nas interpretações benjaminianas.

Uma observação que pode ser tomada como norteadora para a discussão que proponho é a associação de duas chaves propostas por Benjamin para a leitura dos textos de Kafka: de um lado, o fato de que não se pode conceber “nenhum fenômeno que não apareça deformado em sua [de Kafka] descrição”³, de outro, a existência recorrente de “configurações de esquecimento”.

A associação entre esquecimento e deformação pode ser feita a partir da perspectiva de elaboração de elementos causadores de disrupção: embora não possamos determinar o significado dos seres deformados em Kafka, a sua literatura se configura de forma a dar espaço para os seres menores, os estrangeiros, os adoecidos e os

² Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, São Paulo, 1994, p. 141.

³ Benjamin, Walter. *Benjamin über Kafka*. . *Texte, Briefzeugnisse, Aufzeichnungen*. Herausgegeben von Hermann Schweppenhäuser. Suhrkamp, Frankfurt a. M., 1992, p. 41.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

ocupantes de lugares menos nobres e, dessa forma, efetua interrupções com processos lineares de narração. Sintetizando na expressão benjaminiana, Kafka traria à tona “figuras do esquecimento”. A importância desse aspecto para a discussão sobre a memória em Walter Benjamin está no fato de que ele ajuda a reforçar algumas nuances do significado do fragmento IX das *Teses sobre a História*, segundo o qual o “anjo da história” gostaria de “deter-se, despertar os mortos e juntar os fragmentos”.

Kafka não pode ser assimilado ao narrador tradicional caracterizado por Benjamin no texto sobre *O Narrador*, mesmo porque aquele narrador estaria associado a um determinado modo de produção (artesanal) e a uma conformação social mais próxima da comunidade do que da sociedade moderna. Mas, além disso, Kafka, na sua condição de escritor típico da modernidade, se distancia do ideal de narrador tradicional na medida em que suas narrativas não configuram o domínio de uma rememoração total e orgânica. Segundo Benjamin:

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade de reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte.⁴

Se a relação entre narrador e ouvinte se pauta nessa característica compartilhada de conservação, diferentemente, Kafka esbarra sempre numa certa impossibilidade de configurar uma totalidade narrativa. Essa impossibilidade pode ser concebida a partir de inúmeras características diferentes. Uma primeira está na falta de conclusão dos romances. Todos os três romances maiores permaneceram inacabados. Mas, fora esse aspecto mais evidente das dificuldades de Kafka em constituir uma totalidade narrativa, existem aspectos mais sutis que não permitem associar o escritor ao narrador tradicional. Há, por exemplo, a característica da desorientação bastante forte do narrador kafkiano. Diferentemente do narrador tradicional, ele não sabe “dar conselhos”, não sabe orientar. É assim, por exemplo, que o mensageiro em *O Castelo* não transmite mensagem alguma ou a mensagem do imperador jamais alcançará seu destino⁵.

⁴ Benjamin, Walter. “O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nicolai Leskov”, in *Magia e técnica, arte e política*. op. cit., p. 210.

⁵ Conforme Kracauer “O mundo, no qual esses mensageiros correm de um lado ao outro, assemelha-se a uma folha de moldes, sobre a qual estão colocadas partes que não combinam entre si”. Kracauer, Siegfried. “Franz Kafka”, in Kracauer, Siegfried *O Ornamento da Massa*, Cosac Naify, São Paulo, 2009.



Mas se a obra de Kafka vai de encontro a muitas características do narrador tradicional descrito por Benjamin, qual a sua importância para a concepção de memória benjaminiana?

Primeiro é necessário pontuar que Benjamin não é um apologista do passado. Sendo assim, sempre permaneceu bastante receptivo às vanguardas artísticas, pois não se prendeu a um saudosismo, nem elaborou qualquer tentativa de retorno romântico ao passado, que, entre outras coisas, pudesse resgatar o narrador tradicional. A importância de Kafka para Benjamin está justamente na possibilidade de uma nova formulação narrativa, que responda à questões pertinentes ao mundo contemporâneo. A obra do escritor tcheco, segundo a perspectiva do filósofo, trataria da “organização da vida e do trabalho na comunidade humana”⁶. Sendo assim, configura uma elaboração literária em consonância com os desdobramento da sua época. A importância de Kafka estaria justamente no reconhecimento mais patente de que não é possível uma memória coletiva e orgânica na sociedade moderna, por isso a necessidade de dar espaço para “seres do esquecimento”. Conforme a filósofa Jeanne Marie Gagnebin:

[...] Kafka instalou-se sem tropeços e sem lágrimas na ausência de memória e na ausência do sentido. É daí que vem, segundo Benjamin, sua extraordinária modernidade, ao mesmo tempo cruel e serena.⁷

Mas essa “ausência de memória” possui um teor paradoxal: ao mesmo tempo em que efetua uma quebra com a ideia de “rememoração universal”, “o esquecimento diz sempre respeito ao melhor, porque diz respeito à possibilidade de redenção”⁸. Benjamin trabalha com algumas concepções do judaísmo na leitura que efetua de Kafka, mas não a partir de uma perspectiva estritamente religiosa. Ao contrário, o judaísmo de Kafka é mobilizado justamente na perspectiva de que essa tradição já não oferece um “chão”, no entanto, ainda é a tradição pertinente ao escritor. Nas palavras de Gagnebin, a “doença da tradição” que Benjamin reconhece na obra de Kafka numa carta a Gershon Scholem⁹ equivaleria a ideia de:

⁶ Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e técnica, arte e política*. op. cit., p. 148.

⁷ Gagnebin, Jeanne Marie. “Prefácio”, in Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. op. cit., p. 16.

⁸ Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e técnica, arte e política*. op. cit., p. 161.

⁹ Benjamin, Walter. “Carta a Gershon Scholem (1938)”, in *Novos Estudos Cebrap*, n° 35, ano 14, São Paulo, março de 1993, p. 105.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

uma tradição não simplesmente ausente (o que poderia permitir sua substituição por outra), mas, ao mesmo tempo, agonizante e todopoderosa como o imperador chinês cuja mensagem nunca chegará até nós; como também o pai doente de ‘O Veredicto’ que, repentinamente cheio de uma força tão inesperada como aniquiladora, manda seu filho à morte [...]¹⁰

Dessa forma, a “possibilidade de redenção” engendrada pelo esquecimento não se refere a uma dimensão teleológica, simplesmente. Mas tem a ver com o fato de que Benjamin reconhece na literatura de Kafka uma dimensão de recuperar fragmentos, detalhes que não são levados em consideração, a dimensão animal da corporalidade, enfim, sua obra abrigaria aspectos do “esquecimento coletivo”. Essa produção, necessariamente negativa, pois ela é escrita como um questionamento do próprio progresso, resultaria numa disrupção com relação à “sabedoria humana”.

A obra de Kafka formularia uma nova forma de memória, que só pode se configurar a partir de imagens deformadas, de gestos não concatenados numa totalidade e que muitas vezes se contrapõem ao que a linguagem enuncia. Conforme a formulação de Kracauer, nesse processo literário Kafka seria “capaz de avaliar e de elaborar o caos no mundo”¹¹. Benjamin foi um dos primeiros a chamar a atenção para a importância do código gestual (que pode ser visto como um dos traços característicos da elaboração do caos) presente na obra de Kafka:

Uma das funções mais significativas desse teatro (*Naturtheater*) é a dissolução no gístico do que ocorre. Podemos ir mais longe e dizer que muitos estudos e contos menores de Kafka só aparecem em sua verdadeira luz quando transformados, por assim dizer, em peças representadas no teatro ao ar livre (*Naturtheater*) de Oklahoma. Somente então se perceberá claramente que toda a obra de Kafka expõe um código de gestos, que não tem, de modo algum, significado simbólico seguro por si para o autor; antes são relacionados sempre novamente a outros contextos e ordenações experimentais. O teatro é o lugar real de tais ordenações experimentais.¹²

Dessa forma, essa formulação gestual (que engloba uma porção de códigos corporais, com grande frequência para a da cabeça inclinada, as costas encurvadas, as

¹⁰ Gagnebin, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Perspectiva, São Paulo, 2004, p. 66.

¹¹ Kracauer, Siegfried. “Franz Kafka”, in *O Ornamento da Massa*. Op. cit., p. 287.

¹² Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Op. cit., p. 146. Tradução modificada em cotejamento com o original Benjamin, Walter. “Franz Kafka: Zur zehnten Wiederkehr seines Todestages”, in Benjamin, Walter. *Benjamin über Kafka*, op. cit., p. 18.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

peças que falam “de cima” para baixo, como o chefe de Gregor Samsa¹³) associa-se às imagens deformadas e ambos os aspectos da obra kafkiana concorrem para a exposição do esquecimento.

O esquecimento também é concebido no sentido de que a literatura de Kafka efetua uma ruptura com o afã classificatório próprio da “sabedoria humana”. Benjamin trata essa sabedoria de uma forma bastante crítica quando mobiliza as narrativas de Kafka. É como se toda a galeria de seres deformados, de estrangeiros e de tolos recuperados pelo escritor tcheco servissem de contraponto à “sua época, que se prepara para suprimir os habitantes deste planeta em massas consideráveis”¹⁴.

Mas, por outro lado, a recuperação desses elementos esquecidos não é assimilada com facilidade, pois ela não pressupõe a beleza. O questionamento do progresso, dos corpos disciplinados, limpos e de impulsos contidos, da primazia da razão, enfim, desse lugar da “sabedoria humana” configurado pela civilização, nunca é uma tarefa simples. Há uma dificuldade inerente à literatura de Kafka que equivale à dificuldade de se formular a “história dos vencidos”:

[...] Seguindo as exigências dessa família, ele [Kafka] rola o bloco do acontecer (*Geschehen*) histórico, como Sísifo rola sua pedra. Assim acontece que o lado de baixo venha a luz. Ele não é agradável de se ver. Porém Kafka é capaz de suportar essa visão.¹⁵

Uma história invertida, observada pelo lado de baixo. É essa visão que a literatura de Kafka procura engendrar. Mas, nessa recuperação “não agradável de se ver”, seriam recuperados também alguns “possíveis esquecidos” e seria retomada a possibilidade “de resgatar do esquecimento aquilo que teria podido fazer de nossa história uma outra história.”¹⁶

Conforme Gagnebin, haveria um paradoxo presente na reflexão de Benjamin sobre memória e narração:

[...] que poderia ser determinado, numa primeira aproximação, como a tensão paradoxal entre o reconhecimento lúcido do fim das formas seculares de transmissão e de comunicação, do fim da narração em

¹³ “[...] Ele iria cair da sua banca! É estranho o modo como toma assento nela e fala de cima para baixo com o funcionário.” Kafka, Franz. *A Metamorfose*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997, p. 9.

¹⁴ Benjamin, Walter. “Carta a Gershom Scholem (1938)”, in *Novos Estudos Cebrap*, op.cit., p. 105.

¹⁵ Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Op. cit. p. 155. Tradução modificada em cotejamento com o original: Benjamin, Walter “Franz Kafka: Zur zehnten Wiederkehr seines Todestages“, in Benjamin, Walter. *Benjamin über Kafka*. Op. cit., p. 28.

¹⁶ Gagnebin, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. Brasiliense, São Paulo, 1982, p. 60.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

particular, e a afirmação enfática da necessidade política e ética de rememoração [...], portanto da necessidade de uma outra escritura da história.[...] Esse paradoxo também nasce de uma exigência contraditória de memória, de reunião, de recolhimento, de salvação e, inversamente, de esquecimento, de dispersão, de despedaçamento, de destruição alegre.¹⁷

Tal polaridade provavelmente permeou os textos que Benjamin dedicou à obra kafkiana, nesse sentido, ela ajuda a explicar a constância da concepção de esquecimento. Expor os seres deformados é uma tarefa que Kafka realiza em resposta a essas tensões. Como a narração pode ainda contemplar a perspectiva política e ética da rememoração e, ao mesmo tempo, pontuar a impossibilidade da própria narrativa? A literatura kafkiana só pode fazer congeminar essas duas dimensões polares porque acolhe as “figuras do esquecimento” sem tentar substituí-las por uma nova forma de totalidade orgânica:

[...] é por isso que em Kafka não se pode mais falar em sabedoria. Sobram os produtos da sua desintegração. Há dois deles: um é o rumor das coisas verdadeiras (uma espécie de jornal-sussurro teológico, que trata de coisas desacreditadas e obsoletas); o outro produto dessa diátese é a tolice, que de fato dilapidou fundo o conteúdo próprio à sabedoria, mas em compensação guarda o lado agradável e sereno que foge sempre e em qualquer parte ao rumor. A tolice é a essência dos preferidos de Kafka – do Dom Quixote, passando pelos ajudantes, até os animais. (Ser animal significa para ele, sem dúvida, apenas ter renunciado, por uma espécie de pejo, à forma e sabedoria humanas. Assim como um senhor distinto que cai numa taverna de ínfima categoria renuncia, por pudor, a limpar o seu copo).¹⁸

A vergonha [*Scham*] da forma humana sentida por Kafka é mobilizada justamente no sentido de trazer à tona dimensões reprimidas da trajetória civilizacional. O confronto entre esses aspectos recalcados (que, justamente por conta da repressão que sofrem, se apresentam ambigualmente sob a forma de esquecimento e necessariamente possuem o aspecto deformado) e a memória oficial conserva a possibilidade de questionar a ordem política e social no sentido de apontar para a exigência de construção de uma outra história. Exigência que se impõe por meio da exposição do lado negativo, daí a tolice, o animal, a deformação, pois, conforme consta na tese VI, “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de

¹⁷ Idem, p. 6.

¹⁸ Benjamin, Walter. “Carta a Gershon Scholem (1938)”, in *Novos Estudos Cebrap*, op.cit., p. 106.



fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

Numa passagem do seu ensaio sobre o autor de *O Processo*, Benjamin afirma:

se Kafka não rezava, o que ignoramos, era capaz ao menos, como faculdade inalienavelmente sua, de praticar o que Malebranche chamava “a prece natural da alma” – a atenção. Como os santos em sua prece, Kafka incluía na sua atenção todas as criaturas.¹⁹

Essa atenção à todas as criaturas equivale, justamente, à ideia benjaminiana de *apocatastasis*, que se refere à “admissão de todas as almas no Paraíso”. Precisamente nesse ponto, as narrativas de Kafka voltam a ter pontos de contato com a perspectiva do narrador tradicional. A referência à *apocatástase* histórica aparece também em *O Narrador* para qualificar a forma narrativa de Nicolau Leskov (considerada por Benjamin como exemplar). Pode-se sugerir, portanto, segundo as relações que procuro destacar, que a forma narrativa de Kafka encontra pontos de contato com o cerne do que Benjamin traça como narração e que foi se perdendo durante a história. No entanto, a ressalva importante desses pontos de contato é que, se a experiência (*Erfahrung*) era a base da narração exemplar, em Kafka é justamente ela que está prejudicada. Assim, apesar de em ambos os casos haver esse caráter de *apocatástase* que permite a incorporação de elementos renegados, no narrador tradicional esses elementos ganham uma configuração na qual é possível encontrar um ensinamento, é possível ouvir a voz do “sábio”; já em Kafka, esses elementos aparecerem não mais para configurar a sabedoria, nem contém a dimensão do aconselhamento, mas, pelo contrário, são mobilizados para *denunciar* a sabedoria humana.

Essa ideia de *apocatástase* também engloba o método histórico defendido por Benjamin. Um parágrafo relativamente longo da *Obra das Passagens* ilustra esse método:

Pequena proposta metodológica para a dialética da história cultural. É muito fácil estabelecer dicotomias para cada época, em seus diferentes “domínios”, segundo determinados pontos de vista: de modo a ter, de um lado, a parte “fértil”, “auspiciosa”, “viva” e “positiva”, e de outro, a parte inútil, atrasada e morta de cada época. Com efeito, os contornos da parte positiva só se realçarão nitidamente se ela for devidamente delimitada em relação à parte negativa. Toda negação, por sua vez, tem o seu valor apenas como pano de fundo para os contornos do vivo, do positivo. Por isso, é de

¹⁹ Benjamin, Walter. “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte”, in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Op. cit. p. 159.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

importância decisiva aplicar novamente uma divisão a esta parte negativa, inicialmente excluída, de modo que a mudança de ângulo de visão (mas não de critérios!), faça surgir novamente, nela também, um elemento positivo e diferente daquele anteriormente especificado. E assim por diante *ad infinitum*, até que todo o passado seja recolhido no presente em uma apocatástase histórica.²⁰

Essa a afinidade entre as narrativas kafkianas e a teoria da memória de Walter Benjamin. Tratam-se de perspectivas nas quais a recuperação de dimensões de esquecimento configura uma exigência inexorável. O “lado de baixo” da história recuperado nesses procedimentos conserva, ao mesmo tempo, dimensões que “não são agradáveis de se ver” e a perspectiva de redimir aspectos reprimidos a partir da liberação da clausura a que foram submetidos. Nessa nova forma narrativa e histórica, a própria sabedoria humana é questionada e contraposta a elementos que o processo civilizatório se encarregou de recalcar.

²⁰ Benjamin, Walter. *Passagens*. Ed UFMG e Imprensa Oficial, Belo Horizonte e São Paulo, 2007, p. 501.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria*.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Benjamin über Kafka*. Texte, Briefzeugnisse, Aufzeichnungen. Herausgegeben von Hermann Schweppenhäuser. Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Brasiliense, São Paulo, 1985.

BENJAMIN, Walter. “Carta a Gershon Scholem (1938)”, in *Novos Estudos Cebrap*, tradução Modesto Carone, n° 35, ano 14, março de 1993, São Paulo, pp. 100-106.

BENJAMIN, Walter. “N – Teoria do Conhecimento e Teoria do Progresso”, in BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução do alemão Irene Aron e do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Ed UFMG e Imprensa Oficial, Belo Horizonte e São Paulo, 2007, pp. 499-530.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em W. Benjamin*. São Paulo, Perspectiva, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. Brasiliense, São Paulo, 1982.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Tradução Modesto Carone. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

KRACAUER, Siegfried. “Franz Kafka”, in KRACAUER, Siegfried. *O Ornamento da Massa*. Tradução Carlos Eduardo J. Machado e Marlene Holzhausen. Cosac Naify, São Paulo, 2009.